



A VIVÊNCIA DA MATERNIDADE COMO IMPULSO PARA CIÊNCIA: DOS QUESTIONAMENTOS PESSOAIS AOS PROBLEMAS DE PESQUISA

III Simpósio Brasileiro sobre Maternidade e Ciência, 3ª edição, de 06/12/2021 a 10/12/2021
ISBN dos Anais: 978-65-81152-32-1

COIMBRA; Iana ¹

RESUMO

Eu estava começando o segundo ano do doutorado em Comunicação pela UFMG quando meu filho caçula nasceu. A pandemia atravessava continentes e estava prestes a assolar o Brasil. Era fevereiro de 2020. Até então meu projeto de pesquisa se relacionava a minha atividade profissional. Além de pesquisadora, sou jornalista, repórter de uma emissora de televisão. Desde o mestrado, iniciado em 2017 e defendido em 2018 na PUC-Minas, o desejo de investigar aspectos da maternidade já existia e a forma como ela é construída nas redes sociais me intrigava. Mas sem ter nenhuma outra colega de turma com filhos com quem dialogar, e sem muito encorajamento entre os professores da Universidade para fazer deste um objeto de pesquisa, me lancei no telejornalismo também de forma acadêmica. Era o que mais fazia sentido naquele momento. O doutorado iniciado na UFMG, também em Comunicação, tão logo me tornei mestra, seguia o mesmo fluxo.

Mas, ao me ver em casa, com dois filhos pequenos, em pleno puerpério, de licença maternidade, e numa quarentena – anunciada em Belo Horizonte em março daquele ano, eu não conseguia mais me conectar com o telejornalismo. Nem com o jornalismo. Ou com os textos acadêmicos. E com mais nada para além das duas crianças que dependiam totalmente de mim num cenário pandêmico incerto. De certa forma, naquele contexto, eu sentia que era como se a sociedade finalmente tivesse enxergado a existência das mães, frequentemente invisibilizadas e engolidas diante das missões exaustivas de equilíbrio e sustentação de tantas missões. Afinal, as profissionais que buscavam conciliar as diversas atividades da vida separadamente, fazendo o máximo para uma área não interferir na outra, foram obrigadas a mostrar para o mundo que na realidade somos uma pessoa só. E assim, vieram reuniões com crianças no colo, computadores compartilhados e intercalados com as aulas *online* infantis, projetos com prazos esticados, postergados, prorrogados, e toda uma sorte de reconfigurações da vida. Uma vida privada que se tornou pública pelas telas dos computadores onde o ambiente doméstico serviu como cenário para a mulher profissional existir, persistir, insistir, resistir e também desistir. E uma vida pública, que antes era limitada aos espaços para além do lar, penetrou na privacidade das relações pessoais pelas câmeras ligadas e telas compartilhadas. Imagens por vezes invadidas por crianças para quem esses limites simplesmente não existem.

Eu estava na iminência de largar o doutorado atordoada pela sensação de incompetência para desenvolver uma tese. Enquanto os colegas sem filhos conseguiam avançar nas pesquisas e nas leituras, eu produzia leite para amamentar meu pequeno, fazia um bolo de cenoura atrás do outro para entreter a minha filha mais velha, inventava brincadeiras para passar o tempo num espaço confinado e me preparava para voltar aos noticiários após o fim da licença maternidade. Enquanto os colegas de turma discorriam sobre os autores das bibliografias recomendadas por grupos de

¹ Universidade Federal de Minas, ianacoimbra@hotmail.com

pesquisa, e avançavam na redação de capítulos, eu fugia da minha orientadora e dominava toda a bibliografia infantil sugerida pelos grupos de mães. Eu não cabia no ambiente acadêmico. O meio acadêmico não cabia mais em mim. Eu estava fadada a compor os números da evasão materna na pós-graduação. Universo, onde só pelas exigências de produtividade, já é difícil de acolher as estudantes convertidas em mães. Especialmente, aquelas que, para além dos filhos, ainda trabalham e ocupam outros espaços profissionais, como também é o meu caso.

Foi quando descobri, no final de 2020, que o nascimento do meu filho no início do mesmo ano trazia aspectos que até então eu não tinha conhecimento. “Vocês precisam repensar a forma como os partos são narrados”, foi o que falei para a profissional contratada para filmar o nascimento do meu menino. Era com ela com quem eu conversava numa cafeteria, numa manhã desprezível. E foi essa constatação dita sem pensar muito ou entender o que viria dali, após reverberar em mim pelos meses seguintes, que mudou minha perspectiva acadêmica. Decidi transformar minhas questões pessoais despertadas naquele dia, em meu objeto de pesquisa. Finalmente criei coragem para levar a minha maternidade para a ciência. E pedi para a ciência me ajudar a responder as minhas questões com a maternidade. Se é preciso repensar a forma como os partos são narrados, que meu trabalho seja sobre isso. O jornalismo que lute.

Escrevo este trabalho em primeira pessoa porque a maternidade se constrói assim: em primeira pessoa, ainda que também envolva uma construção coletiva. A maternidade se constrói com a mulher que tem sua vida, seu corpo, seus desejos, seus projetos, suas relações, suas atividades profissionais e intelectuais atravessadas, interpeladas pela chegada de um novo indivíduo e por tudo o que isso implica. E ao começar todo o processo de leitura para construir um estado da arte completamente diferente do que eu tinha elaborado até então, para buscar embasamento para pensar nas minhas questões, qual não foi a minha surpresa ao perceber que muitas das pesquisas que discutiam aspectos da maternidade cientificamente, independentemente da linha, do campo do saber associado, ou dos objetos eleitos para análise, também estavam ancoradas em experiências pessoais. Pesquisadoras que compartilharam suas inquietações com o universo acadêmico para desvendar incômodos, provocar reflexões e quem sabe, encontrar interlocutores, descobrir respostas para as próprias perguntas, ou elaborar perguntas que ninguém ainda tinha tido coragem para fazer. Ao ler essas mulheres, me senti acolhida, compreendida, justificada. Sim: a experiência materna pode servir de impulso para fazer ciência, as perguntas indagadas frequentemente para si mesmas no isolamento, e na solidão que muitas mães sentem, podem se tornar perguntas potentes de pesquisas acadêmicas e reverberar na sociedade. E sim, a academia precisa discutir sobre a maternidade para além das áreas da saúde

Começo, portanto, pela pesquisadora canadense da Universidade de York, Andrea O’Reilly, que ao propor a necessidade de um feminismo matricêntrico e do estabelecimento de uma linha de investigação a qual denominou *Estudos Maternos*, explica que escreveu o que gostaria de ter lido quando, já pesquisadora, se tornou mãe de três crianças, ainda na década de 1980. Naquele tempo, ela afirma ter sido a única pessoa na sala de aula da pós-graduação com essa configuração familiar. E foi assim que ela se deu conta de como aquele ambiente era hostil para as mães que continuavam querendo se desenvolver como cientistas e pesquisadoras nos bancos das universidades.

Para além de Andrea O’Reilly [1], que desde então vem inspirando muitas reflexões e os trabalhos de outras pesquisadoras, especialmente quanto a diferenciação entre o que é maternidade e o que é maternagem, é importante citar a professora brasileira Maria Collier de Mendonça, da Universidade Federal de Pernambuco. De 2010 para cá ela tem traduzido vários textos da canadense para o português ao investigar, pelo viés da semiótica, a relação entre a publicidade e a construção do imaginário da gravidez e da maternidade nas páginas das revistas de conteúdo materno-familiar-infantil. Maria (2017) relata que ela também foi impulsionada pela experiência da primeira gestação, em 2003, ao enveredar suas investigações nessa temática ao longo da jornada acadêmica.

Na coletânea lançada em 2021, *Maternidade na Mídia*, Maria Mendonça e Milena Freire de Oliveira-Cruz [2] reuniram textos diversos de pesquisadoras que também levaram as próprias questões para a comunidade científica ao investigar imagens, mensagens, repercussões e valores culturais em circulação sobre maternidade e maternagem em diversos espaços midiáticos. Num esforço

para dar visibilidade aos modos como essas mulheres expressam subjetividades nas redes sociais digitais. Esperançosas, como elas mesmas fizeram questão de registrar, de que as reflexões promovidas pela publicação reverberem para incentivar a inserção e permanência de mães estudantes e pesquisadoras nas universidades brasileiras.

Encontrei também o trabalho de Nathalia Fernandes [3], uma brasileira residente em Londres, que transformou em livro a dissertação de mestrado defendida na London University. E já no prefácio vem o aviso: trata-se de um relato sincero de uma jornalista que encontrou muitas portas abertas para construir a carreira até decidir ser mãe. Nathalia escreveu sobre o que ela, como profissional descobriu ao se tornar uma trabalhadora com uma bebê, misturando relatos pessoais, desabafos e indignações, com os dados obtidos e interpretados ao acompanhar a atividade de mães empreendedoras que se viram obrigadas a se reinventar como profissionais após dar à luz. Uma pesquisa quase autobiográfica, já que ela mesma, viveu essa experiência, ao sair de uma redação e fundar uma empresa onde fosse possível conciliar o trabalho com a criação da filha, apesar de todo o investimento feito ao longo dos anos para obter uma formação profissional sólida e respeitada nas grandes empresas midiáticas, onde até então ela atuava. Ao se deparar com a inflexibilidade do local onde era empregada, Nathalia não viu outra opção, senão pedir demissão. Foi a inadequação percebida pela jornalista no mercado de trabalho, a partir do momento em que deu à luz, que a levou para a academia, para pesquisar porque tantas mulheres como ela, com tanta experiência, não eram mais consideradas aptas para o mundo corporativo. E na dedicatória do livro escreve: “Para meus dois pequenos, e grandes amores, Sofia e Luca. Sem vocês essa revolução não existiria, muito menos este livro” [3, p.4].

A dissertação de mestrado em sociologia de Aline Cavalcanti [4], também segue a mesma lógica. Ao analisar o discurso de humanização do parto no cinema documentário ativista, ela reuniu a experiência de dar à luz ao trabalho de educadora de grupos de educação perinatal, onde os vídeos de parto são usados como ferramentas pedagógicas. A dedicatória aos filhos Lucas, Iannis e Pablo, a quem atribui os fundamentos do caminho traçado por ela, deixa claro que a própria maternidade despertou o desejo por pesquisar os assuntos relacionados ao se tornar mãe. Pesquisa a qual deu continuidade no doutorado na Espanha.

Escolho chamar cada uma dessas mulheres pelo primeiro nome neste trabalho, intencionalmente para subverter mais um padrão acadêmico: o que orienta a identificação das referências invocadas pelo sobrenome. Porque as mães cientistas que conduzem essas pesquisas são indivíduos. São mulheres que só pelo desejo de conciliar a maternidade e a vida científica já subvertem um sistema que torna a produção acadêmica difícil para elas. São mulheres que colocam suas questões pessoais, vividas como mães nas páginas de artigos, teses e dissertações. Portanto, neste trabalho não é Cavalcanti (2014) [4]. É a Aline. Não é Mendonça (2014) [5], é a Maria. Não é Fernandes (2019) [3], é a Nathalia. Não é O’Reilly [1]. É a Andrea (2016). Não sou Coimbra (2021) [6]. Sou a Iana.

Afinal, a experiência da maternidade é uma força transformadora, singular e plural. Ao mesmo tempo que nos modifica como mulheres, reestrutura organizações familiares, nos provoca e tem o poder de nos tirar do lugar comum. Como Fiona Nelson [7] registrou:

A maternidade muda tudo. As transições rápidas que ocorrem tanto nas vidas, organismos e identidades das mulheres, como nas suas jornadas maternas, são realmente incomparáveis (...). Existe um reconhecimento social geral de que a maternidade implica nos cuidados e na nutrição das crianças, nesse sentido, encontramos uma infinidade de materiais: incluindo livros, revistas e vídeos para ajudar as mulheres a fazê-los. Mas, pouquíssima atenção é dada no meio acadêmico, ou na cultura popular, para as experiências subjetivas que dizem respeito ao como as mulheres atravessam a maternidade (NELSON, 2009, p.12).

Assim, percebo que esses trabalhos conduzidos por mães pesquisadoras, tratam-se, de certa forma, de uma espécie de “pesquisas de si”, numa co-relação com as técnicas de si propostas por Michel Foucault [8]. Abordagem que tem na escrita e no desenvolvimento de narrativas sobre as

próprias questões um ponto chave para se estabelecer e se entender como indivíduo. Para o filósofo francês a escrita de si era uma maneira de diminuir a solidão, dissipar a sombra interior ao trazer luz ao pensamento, estabelecendo uma função relacional ao longo do processo. Afinal, trata-se de uma escrita de si para o outro, em textos que não são isolados, nem produzidos para se manterem guardados, mas sim compartilhados. De forma semelhante como acontece nas pesquisas de assuntos maternos que partem dos desejos por elucidar questões pessoais nas páginas dos trabalhos científicos elaborados por quem tem filhos. Ainda que as histórias investigadas nos processos acadêmicos sejam sobre outras mulheres, como é o caso do trabalho da Nathalia [3], e também a minha tese em desenvolvimento em que discorro sobre os relatos de parto compartilhados em redes sociais; as pesquisas desenvolvidas pelas mães pesquisadoras que tomam a maternidade como objeto, envolvem aspectos autobiográficos. Porque partem de experiências pessoais, mas que não são exclusivas a uma única realidade, e que têm a potência de se conectar com outras mulheres.

Logo, escrevo em primeira pessoa, porque assim como as pesquisadoras que menciono pelo primeiro nome e se colocaram em seus textos, também atrevo a me inserir dessa forma. E, neste artigo em que misturo relato pessoal, desabafo e um certo manifesto, invoco outras pesquisadoras a fazerem o mesmo: a transformarem os questionamentos pessoais em problemas de pesquisa, e assim darem voz e peso às experiências vividas na individualidade de suas maternidades e maternagens. A ciência que lute.

Referências

- 1 O'REILLY, Andrea. *Matricentric Feminism: Theory, Activism, Practice*. Toronto: Demeter, 2016.
- 2 OLIVEIRA-CRUZ, Milena Freire de; MENDONÇA, Maria Collier de (Orgs). *Maternidade nas mídias*. Santa Maria, RS : FACOS-UFSM, 2021.
- 3 FERNANDES, Nathalia. *Feminismo materno: o que a profissional descobriu ao se tornar mãe*. São Paulo; Pólen, 2019.
- 4 CAVALVANTI, Aline. *Liberdade para nascer: uma análise do discurso de humanização do parto no cinema documentário ativista*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Recife, 2014.
- 5 MENDONÇA, Maria Collier de. *A Maternidade na publicidade: uma análise qualitativa e semiótica em São Paulo e Toronto*. Tese de Doutorado em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2014.
- 6 COIMBRA, Iana. *Imagens do nascer: genealogia das ilustrações do século XVI aos vídeos de parto publicados em redes sociais do século XXI*. Anais do XIII Encontro Nacional da História da Mídia – ALCAR 2021, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2021.
- 7 NELSON, Fiona. *In the other room – entering the culture of motherhood*. Calgary: Fernwood publishing, 2009.
- 8 FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits*, vol. IV. Paris, Gallimard, 1994.

PALAVRAS-CHAVE: feminismo matricêntrico, estudos maternos, mães pesquisadoras